

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ESCRITOS SOBRE A FEITURA DE UM ACENO SANTO

ANDRÉ FELIPE FERREIRA CARDOSO

GOIÁS-GO

2022

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLOGICA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS-GRADUAÇÃO**

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO
DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: ANDRÉ FELIPE FERREIRA CARDOSO

Matrícula: 20171100080094

Título do Trabalho: ESCRITOS SOBRE A FEUTURA DE UM ACENO SANTO

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

☐ O documento está sujeito a registro de patente.

☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.

☐

) Outra

justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás-GO, 21 / 09 / 2023.

Local

Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

ESCRITOS SOBRE A FEITURA DE UM ACENO SANTO

ANDRÉ FELIPE FERREIRA CARDOSO

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto Federal de Goiás, sob a orientação da professora mestra Rosirene Rodrigues dos Santos, dentro da linha de pesquisa Poéticas Visuais e Processos Criativos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

709.81

C268e

Cardoso, André Felipe Ferreira.

Escritos sobre a feitura de um aceno santo / André Felipe Ferreira Cardoso; orientadora, Rosirene Rodrigues dos Santos – Cidade de Goiás, 2022.

48 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

I. Aceno. 2. Apropriação. 3. Criação. 4. Cerrado – GO. I. Santos, Rosirene Rodrigues dos, orientadora. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉ FELIPE FERREIRA CARDOSO

ESCRITOS SOBRE A FEITURA DE UM ACENO SANTO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADO EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Poéticas visuais e processos criativos, sob orientação da Profa. Ma. Rosirene Rodrigues dos Santos.

Aprovado em 23 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Rosirene Rodrigues dos Santos (Presidente - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Prof. Me. João Paulo Alves Fonseca (Membro interno)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Marco Antônio Ramos Vieira (Membro externo)

Documento assinado eletronicamente por:

- João Paulo Alves Fonseca, PROF ENS BAS TEC TECNOLÓGICO-SUBSTITUTO, em 25/11/2022 20:40:41.
- Marco Antônio Ramos Vieira, Marco Antônio Ramos Vieira - Docente - Universidade Estadual de Ponta Grossa (77046951000126), em 25/11/2022 11:25:25.
- Rosirene Rodrigues dos Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 25/11/2022 11:20:32.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 23/11/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 348096

Código de Autenticação: 597d2b07dd



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000
(62) 3371-9057 (ramal: 9057)

“Em qualquer estrada a gente pode ser o que a gente quiser”

Cuspa, Maltrate, Ofenda

Juliano Gouche

Pela memória de minha avó Maria que me ensinou a ler e cozinhar, pela memória de minha bisavó Catarina que me deixou o amor pelas plantas e curas feitas com as magias do nosso cerrado, pela memória de Tia Nem que me deixou o amor pelo azul, a vontade de devorar o mundo, a paixão pela estrada e o amor pela arte e pela memória de meu tio Pascual que sempre me incentivou a caminhar pela vida e descobrir a graça dos recomeços nas histórias novas.

Dedico esse trabalho aos que vieram antes de mim, os que se foram durante minha caminhada e aos que compõem essa chegada.

Dedico este trabalho para o caminho e para a andança que me fez chegar aqui.

SUMÁRIO
OU MAPA DE CAMINHO

RESUMO.....	9
<i>ABSTRACT</i>	10
INTRODUÇÃO (OU CONFISSÃO SOBRE UMA PARTIDA)	11
<i>DESENVOLVIMENTO (OU COMEÇO DE UMA ANDANÇA)</i>	15
<i>A MIUDEZA É UM DETALHE DA ANDANÇA</i>	17
<i>IGREDIENTES: BAGAGENS POSSÍVEIS PARA UMA CHEGADA (OU</i> <i>MATERIAIS PARA UMA CONTRUÇÃO FUTURA)</i>	19
<i>REPENSAR RECEITAS E CRIAR OUTROS PREPAROS</i>	27
OS ACENOS OU PLANTIOS FINAIS	35
VARAL DE TRABALHOS (OU ALBUM DE FEITURAS)	37
AGRADECIMENTOS	46
REFERÊNCIAS (OU ADUBO PARA OS PLANTIOS NÔMADES)	47

RESUMO

ESCRITOS SOBRE A FEITURA DE UM ACENO SANTO é uma construção narrativa dos processos em ateliê e os caminhos seguidos na construção de uma poética em artes visuais, os trabalhos apresentados aqui perpassam uma caminhada investigativa entre os anos de 2017 e 2022 durante o itinerário formativo vivido no curso de licenciatura em artes visuais do Instituto Federal de Goiás em Goiás-GO. Este relatório de processos de criação foi desenvolvido dentro da linha de pesquisa *Poéticas Visuais e Processos Criativos* sob orientação da professora mestra Rosirene Rodrigues dos Santos. Através destes escritos apresento a série de trabalhos "Aceno Santo", os pontos de partida na criação dos trabalhos e a escolha de materiais e procedimentos que compõem um repertório de procedimentos gestuais para o desenvolvimento de trabalhos em ateliê em torno da apropriação de objetos e imagens cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE:

Aceno, Feitura, Apropriação, Criação, Cerrado, Caminho

ABSTRACT

WRITINGS ON THE POETICS OF A SAINTLY GESTURE is a narrative account of the studio processes as well as the paths followed in the weaving of a poeisis in visual arts. The works presented herein stem from an investigative adventure which took place between the years of 2021 and 2022, during the formative itinerary experienced in the undergraduate program of art education from the IFG (Federal Institute of the State of Goiás, Brazil). This memorial of processes of creation was developed within the scope of Visual Poetics and Creative Processes. Through the writings found herein the series of works "Saintly Gesture" is shown through the creative processes involved in its production, which encompass the choice of materials and the procedures which integrate a repertoire of gestural procedures with a view to the development of the studio works which gravitate around object and imagetic appropriation.

Keywords:

Gesture, Poetics, Appropriation, Creation, Brazilian Savannah

INTRODUÇÃO

(OU CONFISSÃO SOBRE UMA PARTIDA)

Não ter medo de andar, não ter medo do caminho
Paulo Nazareth

O que se entende por aceno? O que é de fato um aceno? Em uma pesquisa rápida ao Google entende-se logo na primeira busca que aceno pode ser:

- 1) *ato ou efeito de acenar (-se);*
- 2) *sinal que se faz com a cabeça, os olhos, as mãos etc;*
- 3) *para dar a conhecer o que se deseja;*
- 4) *gesto;*
- 5) *gesto com as mão e/ou braços;*
- 6) *sinalizar com um gesto;*
- 7) *ato ou efeito de chamar alguém; convite, apelo, chamamento, convocação.*

Entendo então que, para mim, aceno é uma forma de sinalizar, de estabelecer uma linguagem através de um sinal que tenha múltiplas funções, a depender da situação em que é usado.

Existe aceno para pedir socorro, existe aceno para a despedida, para o a deus. Existe aceno para cumprimentar na chegada, existe aceno para dizer não, existe aceno de permissão, existe aceno para findar, existe aceno para começar, existe aceno para dar trégua e existe aceno para estabelecer conexão.

Às vezes feito com um movimento leve com de cabeça, com as mãos ou com os braços, a gestualidade do aceno ultrapassa e transcende as linguagens

estabelecidas pelas palavras e sons, alcançando possibilidades de comunicação que não se prendem unicamente à linguagem verbal. Acenar é uma forma de se conectar com o outro sem a necessidade de emitir palavras para comunicar frases.

A palavra *divindade* sempre rondou os meus pensamentos e sonhos, assim como todas as suas possíveis variações sagradas. Minha relação com as nuances em volta dessa palavra vem desde infância até a minha vida adulta. Quando me mudei para Goiás em 2017 me permiti experimentar as manifestações religiosas presentes no dia a dia das pessoas e deste território. Desta forma, em um processo contínuo de corpo-aberto, experimentei e vivenciei as formas possíveis de festejos e procissões religiosas que, posteriormente, reverberaram em um repertório de imagens, palhetas de cor, símbolos e formas presentes em meu fazer artístico.

Neste relatório de conclusão do meu itinerário formativo pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais, apresento de maneira detalhada o processo de criação dos trabalhos da série *Aceno Santo*, junto com as reflexões que criei nesse caminho, meus anseios, métodos de ateliê e pontuações em torno de um fazer que parte das apropriações possíveis de objetos e de imagens.

Esta série nasce do meu envolvimento com as festividades religiosas presentes na Cidade de Goiás e pela forma com que o artista vilaboense Octo Marques (1916-1988) repensa, em sua pintura, as representações possíveis dessa cidade e de suas tradições. Me orientando também pelas leituras do livro *Cidade Mãe*, de Octo Marques, entendo essa série de trabalhos que vem sendo produzida desde 2017 como um fio condutor que interliga minha poética com a cultura popular cerratense.

Parto aqui da apropriação de imagens e símbolos para criar um repertório poético que promova vínculos entre o sagrado e o cotidiano dentro das ritualidades interioranas que atravessam minha identidade e vida enquanto artista e estudante que mora, experimenta e vive em Goiás. Durante esse percurso de investigação proponho uma continuidade a essa série que se encontra em constante desenvolvimento.

Como proposta de ir a fundo nos processos da colagem, começo a fazer um caminho em muitos sentidos apartado daquele estabelecido pela tradição da prática artística da colagem, entendendo a necessidade de criar um percurso que

desconfigure as gestualidades processuais já assentadas pela produção de trabalhos artísticos em colagem. Desta forma, entendo esse início como um caminho para a criação de uma poética e identidade.

Aceno Santo é a exata conexão entre a minha chegada, a estada, a mudança e a partida. É um caminho-documento feito com calma por vários anos e que se apresenta aqui como um desaguar de exercícios, métodos, reflexões e conclusões sobre uma pesquisa desenvolvida dentro de uma prática artística. Perpasso, assim, a palavra e a visualidade pictórica, em seu sentido alargado, no intuito de criar narrativas e símbolos que unam a atualidade do meu entorno à herança ancestral que me atravessa por meio das manifestações regionais.

Através deste texto, irei percorrer os caminhos passados (que ainda se fazem presentes) nos processos de criação da série de trabalhos que interliga a minha prática em um “goiás-cerrado-sacro” e a *Cidade Mãe* descrita, escrita e pintada por Octo Marques.

Começar essa confissão é falar com calma por partes e deixar as águas ainda menos turvas para a vista, criar essa confissão é uma forma de dar um ponto/laço que fecha esse ciclo (ou antes, o começa).

Falar das coisas pequenas que cabem no bolso é descrever as miudezas, é entender que **A MIUDEZA É UM DETALHE DA ANDANÇA.**

Listar as coisas, separar as peças, colocar tudo sobre a mesa é uma forma de visualizar os ingredientes para os preparos, também é uma forma de visualizar melhor as coisas que cabem na mala antes da viagem é uma forma de pensar as **BAGAGENS POSSÍVEIS PARA UMA CHEGADA (OU MATERIAIS PARA UMA CONTRUÇÃO FUTURA.**

REPENSAR RECEITAS E CRIAR OUTROS PREPAROS é o exato exercício do aprendizado, é quando podemos nos conectar com o que sabemos, com as bagagens que carregamos e com as marcas que as estradas estampam sobre nossas peles, é a linha que liga o ontem, o agora, abre picada para o depois e deixa fagulhas para mais tarde.

Dar os últimos acenos ou falar sobre os **PLANTIOS FINAIS** não é exatamente sobre findar tudo, mas é também sobre varrer um terreiro, limpar a casa, fechar uma

mala, terminar um preparo e abrir espaço para outros preparos, outros caminhos, novas andanças e métodos de se refazer feitura.

Criar um varal é um aceno que mostra o encontro entre a feitura e os olhos de quem passa para ver, criar varal também é criara um álbum, e criar um álbum é mostrar trabalho, é mostrar feitura.

DESENVOLVIMENTO

(OU COMEÇO DE UMA ANDANÇA)

Meu olhar procura sempre afundar na folha de papel, na espera de ali achar um tesouro.

Raíssa Studart

Cultivo o hábito do colecionismo, de fazer pequenas coleções emprestáveis desde a infância. Coleção de cacos, coleção de pedacinhos de papel, coleção de sementes, coleção de pedras, coleção de imagens religiosas, coleção de ossos, coleção de pedaços de vidro, tudo quando é coisa que se possa enfiar nos bolsos da calça, dentro da bolsa ou mochila sempre se tornou uma peça de coleção, que guardo por anos sem função aparente em caixas, potes e prateleiras, todas à espera de um significado ou função, que muitas vezes chega a longo ou curto prazo, e quando não chega continua à espera.

Guardo tudo aquilo que encanta meus olhos e dou valor à forma pela qual me atraio por cada coisa e as memórias afetivas que são cultivadas a partir desses encontros feitos em momentos de trânsito pelos lugares onde passo e cruzo com determinados objetos.

Entendo que meu interesse em desenvolver uma poética, que parte da apropriação como exercício de ateliê, como uma ação posterior aos hábitos contínuos de coletar e colecionar coisas durante anos. Para mim, essas ações são caminhos possíveis para a ressignificação dos espaços, dos símbolos já existentes e das nossas tradições. Deslocar um objeto, guardar, dar outra forma e sentido é reposicionar as relações afetivas com as coisas, os lugares e as paisagens que limam entre campos com memórias e vínculos individuais e coletivos.

A ressignificação através da apropriação é um caminho largo banhado de sol para a construção de novos valores que perpassam o material e o imaterial para além das moedas e preciosidades que nos rodeiam e dão sentido aos objetos que

compõem nossos ambientes de afeto e existência. Através de cautelas e miudezas, traço minhas andanças e feitura dentro das amplitudes desse caminho.

Ponto que os bastidores criativos explorados aqui tendem a atravessar aquilo que é pequeno, aquilo que é divino e aquilo que transforma. Dessa forma, entendo que traçar essa linha partindo da andança/caminhar como eixo é entender a importância do deslocamento e do encontro como portal para ler e entender os entornos durante os percursos de deslocamento pelos territórios.

O deslocamento e a ocupação de espaços são pontos marcantes na construção da série de trabalhos aqui apresentados, sendo que *Aceno Santo* se constrói de acordo com as possibilidades de encontro experienciadas pelo meu corpo em terras estrangeiras.

Esse conjunto de trabalhos tem como cenário, em sua construção, minha casa, as festividades religiosas em Goiás, os ateliês da Faculdade de Artes do Instituto Federal de Goiás, os ateliês da residência artística Estância Central na Casa Voa, no Rio de Janeiro, e os ateliês da Residência Fonte, em São Paulo.

Discuto, explico e desenvolvo aqui o começo de uma andança, um relato de viagem, a história de um caminho, a vontade de uma ida ainda sem destino ou fim. Uma caminhada lenta e sem um rumo.

A MIUDEZA É UM DETALHE DA ANDANÇA

A miudeza sempre me físgou à primeira vista.

Tudo aquilo que é de natureza miúda sempre me cativa. Primeiro por toda a sua delicadeza e sensibilidade, em seguida pela sua praticidade no processo de transporte e, por fim, pela forma com que aquilo que cabe no centro da palma da mão ou no canto do bolso pede aos olhos espremidos um olhar de atenção para o encontro da vista com as coisas de natureza miúda.

Entendo a miudeza na forma como Octo Marques colocava os detalhes na sua pintura e no destrinchar talhadíssimo dos seus textos. Entendo a miudeza como uma descrição possível para tudo aqui que compõe um ambiente ou lugar e quase sempre sai despercebido pelos olhares apressados.

[...] existia aqui, um forte interesse pelo volume e pela miudeza. Várias partes de um todo que se adensam para formar complexas e intensas e ainda assim pequenas representações de um mundo visto de dentro para fora. Um recorte íntimo e poético que ganha força nos pequenos formatos. Aquilo que cabe na mão, respeita a dimensão do corpo e o atravessa pela poesia da memória.

O encontro da vista com as coisas miúdas e a contemplação que nasce desse encontro pode ser também uma ponte entre aquilo que traz a divindade para dentro dos olhos de quem experimenta. Encontrar com as miudezas pode sempre ser “uma sensação de ‘saudades’: um sentimento de saudade, melancolia ou nostalgia”, estar diante das miudezas é invocar nossa capacidade de atenção e análise sobre a superfície daquilo que exige mais dos nossos olhos. O encontro com as miudezas do cotidiano é a pausa entre a pressa e o detalhe que passa quase sempre despercebido.

Compreendo aqui que o aceno é uma miudeza das chegadas e das partidas, um sinal sem palavras com muitos significados. O aceno é um detalhe da mudança, uma conexão entre aquele que olha e aquele que acena. Um pequeno diálogo mudo entre dois olhares em um único espaço.

Exercitar essa vontade de encontro com as miudezas é, para mim, uma forma de desenvolver um pré-processo criativo, vasculhar os livros em busca de imagens, vasculhar as imagens em busca de imagens dentro das imagens, vasculhar as imagens em busca do detalhe, da miudeza, aquilo que não se vê no primeiro contato e, depois de achar nessa mínima dimensão o mais belo dos detalhes da imagem, transformar. Da autópsia da imagem se tiram os detalhes miúdos que, arrancados, se fazem caminhos que acenam em uma poética envolvida pela apropriação de miudezas como discurso para a ressignificação de cotidianos.

Nesse sentido, compreendo esse caminhar, que chamo de “andança”, como norteador para os encontros possíveis nesse pré-processo criativo, um início daquilo que cria corpo e toma forma através de um grande ajuntamento de processos em ateliê, um circuito *loop* de ações que cria uma teia já traçada por Fernanda Nardy Bellicieri como “um processo criativo do processo criativo do processo criativo do...”, uma forma de entender a amplitude do processo criativo, dos fazeres que se desdobram em processos dos processos alongados, das ações iniciais que vão dando sustento às construções posteriores.

Caminhar é uma forma de estabelecer vínculo com o processo criativo de seus possíveis atravessamentos, a andança também pode ser uma forma de criação.

Quando caminho, entro em estado de criação; quando caminho, observo o caminho; quando observo, o caminho me encontro com os detalhes, quando percebo os detalhes; entendo as miudezas; quando sinto as miudezas, me descubro dentro das dimensões de bolso onde faço morada, planto e crio minhas práticas.

IGREDIENTES:

BAGAGENS POSSÍVEIS PARA UMA CHEGADA (OU MATERIAIS PARA UMA CONTRUÇÃO FUTURA)

Criar uma poética é um processo de desenhar uma identidade possível em volta de um fazer. Poética é a entrelinha, a víscera, a pele da feitura, o argumento do discurso.

Pensar identidade em um processo de criação é eleger elementos, processos e materiais que são significativos dentro de um fazer artístico, dentro de um desenvolvimento de pesquisa em ateliê.

Entendo o desenvolvimento de minha poética como uma caminhada de coleta que elegeu materiais e criou um método de percepção do entorno, viabilizando e materializando meu encontro com tudo aquilo que me cativa e pode entrar dentro de um repertório de materiais dentro do ateliê. De certa forma, entendo que nesta andança o repertório de materiais e métodos se interligam fortemente com a construção de uma identidade e o desenvolvimento de uma poética (que desagua sim em uma identidade, como aqui já disse).

Elejo aqui a necessidade de falar sobre os materiais antes de falar dos processos e produtos como uma forma de dar ênfase a tudo aquilo que pode configurar uma repetição contínua que reforça o exercício de uma poética e identidade dentro de um fazer artístico, e desta forma grifo que é necessário saber do miolo, é necessário saber sobre os ingredientes antes de se entender a receita, e por isso destrinchar os ingredientes/materiais é uma forma de significar ainda mais aquilo que foi feito, entender sua identidade, sua graça, seu valor.

Abrir caminho colocando os ingredientes/materiais em cima da mesa, ao alcance das mãos, na proximidade dos olhos, é encantar a contemplação daquele que olha o bastidor, que acessa o entre meio, que chega na hora do preparo.

Nesse fragmento do trajeto preciso falar primeiramente dessas coisas que aqui chamo de ingredientes e que alguns vão chamar também de materiais. Consigo colocar esses elementos como uma parte desse pré-processo de criação, e de certa forma, como elementos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos em ateliê e também para a transformação dos objetos que aproprio no campo das miudezas.

Para passar a pinguela estreita que liga um lado da estrada e o trieiro que corta a planície deste fazer vou falar primeiro dos ingredientes que coloco sobre a mesa para a feitura das coisas, e depois contarei sobre o preparo/feitura das ações que recorro para repensar os símbolos e visualidades presentes nas coisas que coeto durante as andanças.

Listando os ingredientes sobre a mesa como formar de entender a feitura dos trabalhos que aqui apresento como também desvelar um repertório de materiais que compõem o exercício da minha poética assim como o caminhar constante do meu fazer.

Os principais materiais/ingredientes que aparecerão recorrentemente aqui neste trabalho e também em minha constância técnica de procedimentos em ateliê são:

1. Goma laca indiana;
2. Betuma da Judéia (líquido e em cera);
3. Carvão;
4. Nanquim,
5. Grafite.

Compreendo essa pequena lista como um fragmento ou condimento principal para uma receita e não como um ingrediente central ou principal para os processos de feitura e proezas realizadas durante essas andanças processuais. Elejo esses os itens desta pequena listagem como uma forma de abrir caminho, começar a compor a mesa que dê sustento e abertura para entender os rumos tomados.

A **GOMA LACA INDIANA** é uma resina natural com vastas propriedades e uma grande versatilidade para o seu uso, é uma resina comercial de origem animal, feita da secreção endurecida de um inseto minúsculo (*Kerria Lacca*). É uma resina de propriedades orgânicas biodegradáveis, bastante utilizada pelas indústrias de alimentos, medicamentos e cosméticos, pílulas e suplementos alimentares. Além destas aplicações, ela também é elemento central no método tradicional de verniz para móveis e instrumentos musicais como violão, violino, piano, etc. Também pode impermeabilizar fibras naturais e papel.

Em meus trabalhos trago a goma laca indiana como ingrediente fundamental para criação de manchas, arcos e círculos, criando caminhos possíveis de inventar marcas e alterar a natureza das superficiais dos materiais que vou descobrindo e explorando.

BETUME DA JUDÉIA é um asfalto natural, extraído das minhas e não dos processos de funcionamento do petróleo. Costuma ser usado principalmente como revestimento para madeira, tendo uma enorme aplicação em moveis, mas também em gesso, cerâmica e bronze. Sua aplicação pode dar aspecto de envelhecido quando aplicado sobre camadas de tinta, é um material facilmente aplicável sobre superfícies porosas podendo ser diluído em água rász mineral. Em madeiras escuras pode realçar os tons da madeira. Possui variação de cor entre marrom, caramelo e preto, podendo ser diluído afim de criar outros tons.

Entendo esse material em minha produção como uma forma de pensar colorismos raciais partindo do meu corpo mestiço e do processo de miscigenação da minha família, me interligando as minhas ancestralidades. Aplicando nas produções tanto em superfícies improváveis como o papel e também em métodos tradicionais como a madeira.

Compreendo a diluição do betumo como uma forma de entender tonalidades oriundas do preto. Exploro através do betume da Judéia em cera uma forma de desaguar nos processos da pintura, repensando as gestualidades do corpo em ação durante o exercício desta prática. Experimento esse ingrediente a partir do gesto, do rompimento com o que é esperado na pintura, através do toque, das mãos, do encontro dos dedos com o betume e a superfície traço um caminho de intervenções sobre as imagens e objetos encontrados em minhas andanças.

O **CARVÃO** é um registro, um fragmento de tudo aqui que passou. Uma sobra. Sobra do cerrado seco que queimou, sobra de tudo aquilo que pegou fogo, lembrança das chamas que foram acesas. Muitas vezes usado como abre caminho de um processo, um esboço, rascunho ou projeto. Em alguns casos passa a ser protagonista absoluto da produção, assim como faz o artista visual paulistano Tchelo, que em sua obra explora as materialidades possíveis deste material em um exercício contínuo que quebra com os usos formais do carvão. Trabalho aqui nesta andança

com o carvão sendo portal intercessor entre aquilo que já foi e aquilo que é e ainda pode vir a ser em um futuro breve ou não.

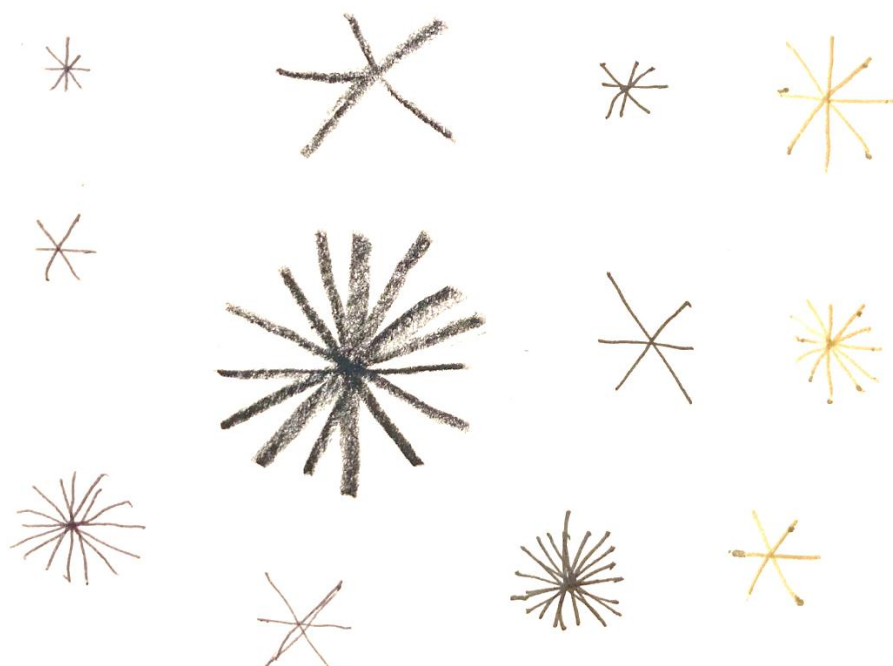
NANQUIM é um material muito usado na escrita, no desenho e na pintura, originário da China e produzido a partir do preto-de-fumo, é de natureza sólida ou líquida, podendo ser produzido em diversas cores, sendo a cor preta a mais conhecida e muitas vezes a mais utilizada pela sua versatilidade. Entendo a amplitude e utilidade deste material-ingrediente como uma ponte entre a palavra e a imagem, o gesto do corpo que experimenta a escrita como forma de viver os sentimentos, perpassa o desenho e a pintura como lugar para se comunicar com o mundo e as intimidades criativas.

A aplicabilidade do **GRAFITE** assim como as exploradas no nanquim, também trazem as gestualidades do corpo que atravessa a escrita e também o desenho. Este material é um bom condutor de calor e energia, muito usado na escrita e na produção de esboços, podendo também protagonizar finalizações de obras de arte. Presente em ateliês de arte e diversos outros ambientes, utilizado de múltiplas formas este é um material de natureza simples encontrado com rigidezes diferentes e muito distintas que se manifesta em diversos tons de cinza.

Utilizo este material em sua forma mais comum e cotidiana que é o lápis como também seu pó, no intuito de criar marmas e dar espaço para sua protagonizarão nos trabalhos que produzo.

Os materiais-ingredientes aqui descritos formam uma mala de condimentos fortemente utilizados nos trabalhos da série *ACENO SANTO*, assim como um todo em minha produção até o momento onde me encontro dentro da minha andança criativa.

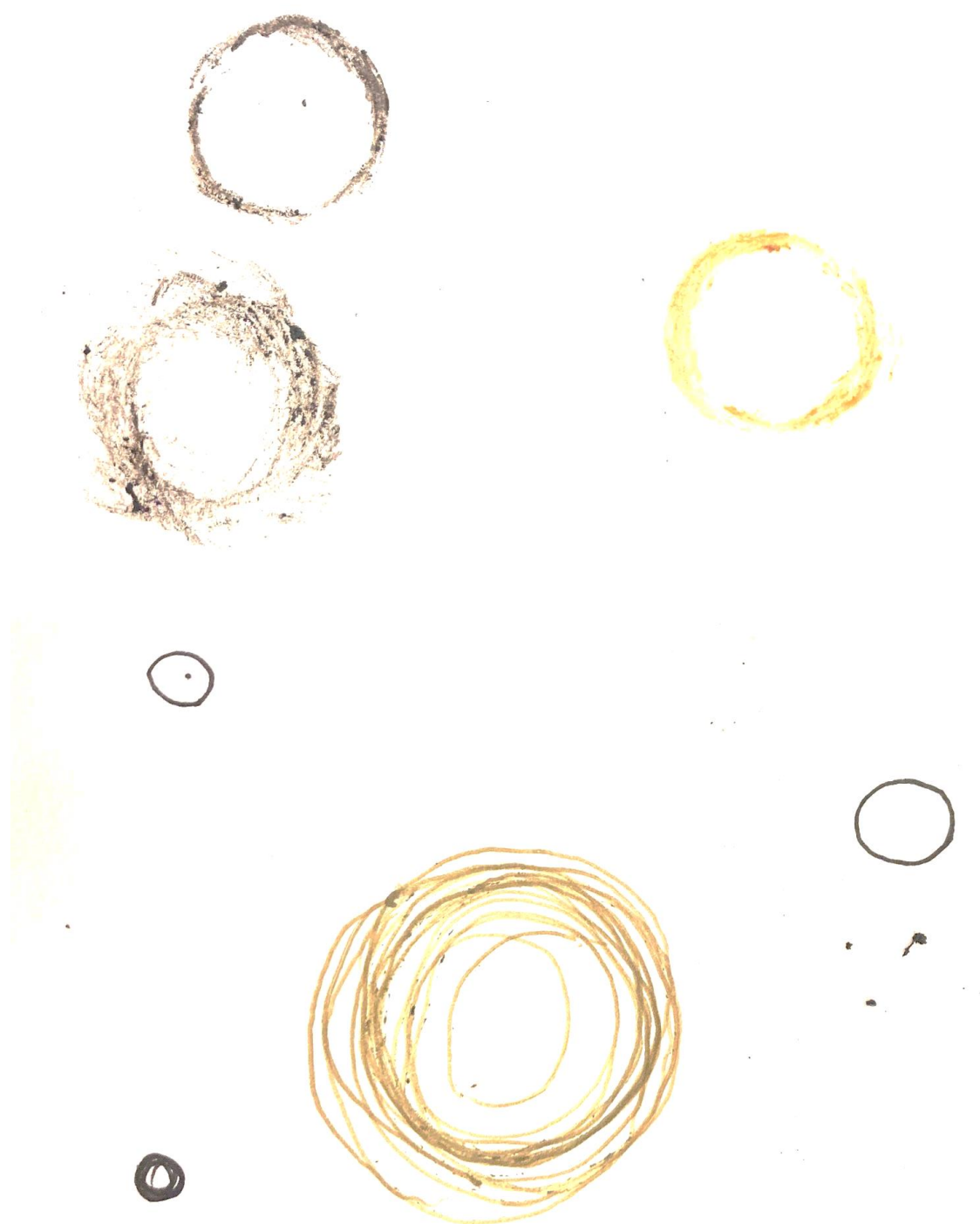
É importante também alegar que esses ingredientes são utilizados no preparo de estrelas, arcos de luz, arcos solares, círculos-sois, manchas geográfica/geológicas/galácticas, linhas com ausência de palavras, constelações de pontos e falsas marcas de tempo.



As **ESTRELAS** são feches de luz, pontos entre a ausência e a presença de luz, são piscadas do céu a noite. Minhas estrelas são pontudas, tem várias pontas.



ARCOS DE LUZ são pontes-portais entre a terra e o céu, capelas para os beijos entre as montanhas e o sol no horizonte entardecido do dia. Pode ser uma pequena passagem, às vezes é chamado de arco-íris.



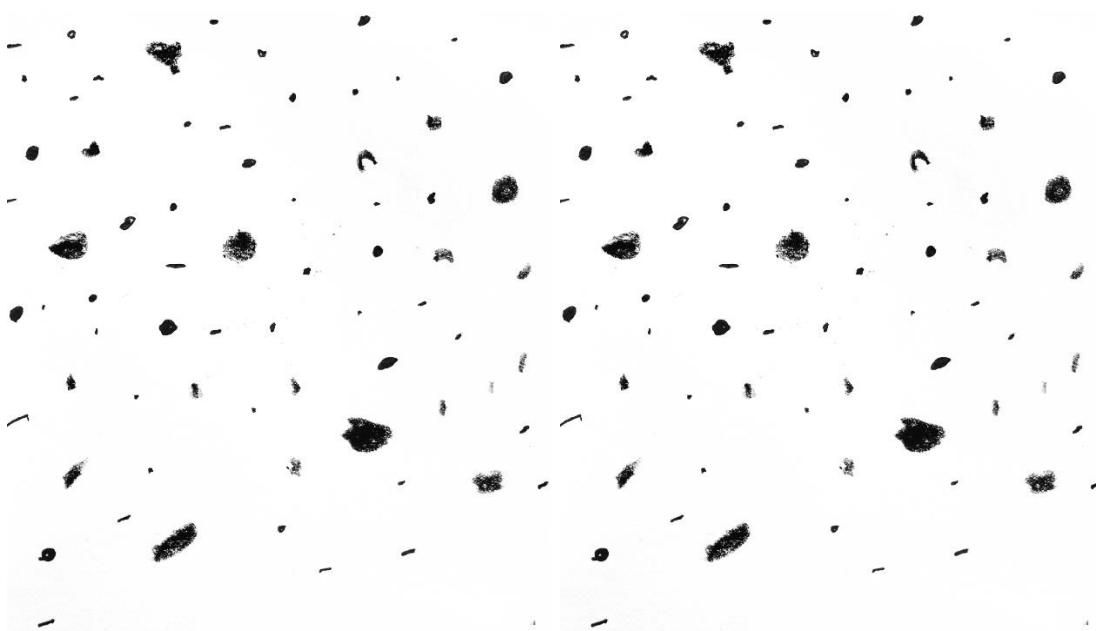
ARCOS SOLARES e **CIRCULOS SOIS** são astros quentes e doadores de luz, são furos no céu ou bambolês de luz, são casas para o infinito com seus corpos de trajeto circulares infinitos.



Através da natureza dos materiais em pó (carvão) ou líquidos (betume da Judéia e goma laca indiana) junto com a graça gestual dos dedos da mão abro caminhos possíveis entre a ficção e o tempo, cenógrafo narrativas que simulam a passagem do tempo e suas ações sobre os materiais, por meio desses caminhos crio **MANCHAS GEOGRÁFICAS/GEOLÓGICAS/GALÁCTICAS** que também são **“FALSAS MANCHAS DE TEMPOS”**.



Entrelinhas, escrever entre, escrever através, descrever sem palavras. Traçar os caminhos em linhas preenchidas por ausência ou ciclos de longa duração, criar linhas é um processo de criar lacunas que esperam respostas, abrir picada é criar **LINHAS COM AUSÊNCIA DE PALAVRAS.**



Juntar os pontos e constelar pingos é criando constelações de pontos-estrelas, furos que interliguem os lados. **CONSTELAÇÃO DE PONTOS** é um exercício de criar um mapa

REPENSAR RECEITAS E CRIAR OUTROS PREPAROS

Como imaginar desenvolver uma linguagem visual prescindindo da forma? Seria como falar de alma sem corpo.

Fernanda Gomes

Uma das coisas que sempre bateu em minha cabeça dias a fio quando comecei minha prática artística era “como fazer isso sem ser do mesmo jeito que todos fazer isso? ”

Hoje quando abro meu navegador no computador em digito no buscador do Google *O QUE É COLAGEM?*

A primeira resposta que aparece para mim fala que colagem é uma obra de arte feita de vários materiais como papel, jornal, fotos, tecido e outros itens que possam ser colados sobre uma folha de papel.

A resposta que leio não é a roupa que eu queria vestir anos atrás, e também não é exatamente o que eu quero usar hoje, e por isso ontem e hoje eu reviro os caminhos e repenso as formas possíveis de se fazer isso ou aquilo, não é necessariamente sobre beber em outros potes, mas é sobre conhecer a receita, contesta-la e criar outros preparos, outros modos de fazer e apresentar algo, dar uma nova roupagem e quebrar com aquilo que se espera quando falamos em “colagem”.

Minha vontade de revirar o preparo vem principalmente de uma insistência em contrapor as atribuições dadas a técnica de colagem, a forma com que as pessoas se referem dizendo que é um trabalho escolar ou que qualquer um faz.

Em seguida e não menos importante, repensar esses preparos para mim foi como uma forma de deslocar o meu fazer de uma forma moldada que faz com que muitas vezes possamos pensar que criar colagens é um processo que precisa do encaixe, do corte, das combinações programadas, entretanto romper com essa expectativa é criar rios para fora e propor outros cursos.

Criar um novo preparo foi uma forma de dar vazão a uma voz e chamar a atenção para uma nova proposta de processo, um método que veste o arrancar e a falta de controle absoluto que o rasgo tem como uma gestualidade do acaso na presença do corpo na construção de trabalhos em ateliê.

Pensei em repensei várias vezes em qual caminho tomar, pensei muito em como contrapor essa receita secular criada por Braque e Picasso no final da primeira fase do cubismo, dita “analítica”. Como fazer colagem usando apenas a receita da colagem?

Como eu poderia repensar essa receita que é um carro chefe de alta relevância na arte moderna e principalmente nos pilares centrais do cubismo?

Como romper uma forma padrão ou apresentação meramente popular de algo sem que seja necessário prescindir a receita?

Abrir espaço para a presença do corpo, preencher as lacunas com o acaso nascido dos gestos, aceitar o erro, romper a necessidade de roteiros absolutos, fluir a composição abrindo espaço para a experiência, esses são alguns dos trilhos que abri, os caminhos do desejo que criei entre uma estrada e outra. A abstração da forma, a discordância das composições e os mais sutis fragmentos de figuração são as vestes que crio com as mãos e as pontas dos dedos para endumentar meu fazer.

Escolhi para mim o rasgo. A mancha, a dobra, a marca.

Escolher a desobediência do rasgo é incorporar a desobediência do meu corpo e sua presença nos espaços onde me desloco e faço presença. Essa escolha é sobre o vínculo, é sobre o pertencimento, é sobre a cicatriz, é sobre o resgate, é sobre o apagamento. Essa vontade vem da necessidade de descobrir sobre o ontem para falar sobre o agora. Me apropriar de imagens retiradas de livros antigos, de fotografias velhas e objetos descartados pelas ruas é uma maneira de preencher as lacunas históricas que esmaecem minha vista toda vez que tento avistar o passado aqueles me antecederam, daqueles que compõem a minha identidade.

Escolho a colagem como um lugar de fala onde posso criar narrativas que atravessam as ressignificações e destilações possíveis das imagens crio desaguaretes que vão da figuração a abstração como pinguelas que ligam os limares existentes

entre passado e presente, memória coletiva e memória individual, vínculo e pertencimento.

Toda vez que inicio minha busca por imagens me lembro de meu avô Antônio e minha avó Maria, os dois dando aulas em uma escola de Iona, outrora habitando os barrados de acampamentos do MST ou os barracos do garimpo de Ouro Fino, em todos esses lugares criando imagens, fotografando os lugares e as pessoas como forma de guardar esses vínculos. Relembro do fundo dos meus afetos eu ali deitado na cama coberta pela colcha de retalhos espalhando as fotos soltas e folheando os álbuns guardados no fundo do guarda roupa ou dos armários do sítio Recanto das Antas.

Quando busco imagens no acevo do ateliê ou nas feiras de antiguidade ou nos sebos, me encontro com esse passado e com esse eu, que não importa se é 20 anos atrás em Minaçu no sítio Recanto das Antas ou se é hoje no fim da tarde na Cidade de Goiás no Quilombo Alto Santa, o que importa nesse processo é o vínculo, o pertencer que orienta um fazer em volta da apropriação de imagens e as vontades que configuram e caracterizam uma prática e um repertório de objetos e processos autobiográficos que carregam traços de uma regionalidade íntima.

Nos momentos de medo me lembro de uma conversa com o amigo artista Diego de Santos de Fortaleza-CE, lembro de Diego falar como os materiais e técnicas também podem falar sobre os acessos que cada artista tem no seu processo de formação, lembro também de Nino Cais me dizendo em seu ateliê em São Paulo-SP sobre a necessidade de continuar fazendo com as coisas que estão ao alcance das mãos agora nesse estante, por último não tão distante dessas outras discussões relembro uma entrevista que vasculhei em um canal do YouTube onde a artista Fernanda Gomes diz em uma visita do SescTV em seu ateliê que quando faz para ela (os trabalhos) e é a maneira que tem de ser mais inteira, desta forma colocando sobre a mesa limpa digo que repensar essa receita que aqui falo é o único caminho que escolho de corpo e alma para abrir picada e criar meus plantios.

Colar e arrancar os papeis colados, rasgar as imagens, vasculhar os pequenos detalhes nas imagens, dobrar e novamente rasgar. Estes são os processos que visto como indumento para repensar as receitas já usadas no processo de feitura das colagens, banho a série Aceno Santo destes processos como forma de criar peles

entre a história que pode ser acessada através das imagens apropriadas e dos títulos estampados nas fichas técnicas dos trabalhos.

Repensar essa feitura enquanto crio uma feitura para um *Aceno Santo* é para mim um norteando calma, um lençol no varal levantado com taboca seca que acena uma cautela íntima como as bandeirolas colocadas entre pequizeiros, mirindibas, sucupiras e angicos durante as festividades de São Sebastião da Pedreira ou na comemoração da Procissão de Areias.

Jogo com a palavra, a camada e o rasgo, abro caminho e refaço uma caminhada movida por litanias silenciosas e epifanias que se mostram como os cicios das rezas caladas da noite.

“foi o tempo que abriu, foi o tempo que desfez o ovo em
cascas e espalhou a nódoa da sujeira e o trauma do
desgaste na superfície”

(ROCHA, Francisco. Antes do Pó. Adriana Affortunati, 2020)

Na feitura desse aceno divido os processos em algumas camadas que dou os seguintes nomes: rasgo-pele, mancha relevo do gesto e fragmento de vista.

RASGO-PELE é quando sobreponho diversas camadas de papel e as arranco, colo outra vez, arranco, colo, arranco, colo novamente e torno mais uma vez a arrancar, criando uma estética que lembra algo que está presente por parte e não por completude, uma breve sensação de falta/ausência, presságio de um possível esquecimento.

MANCHA RELEVO DO GESTO é o ligamento entre meu corpo e a pintura dentro dos trabalhos, as manchas pictóricas que aparecem entre as camadas de papel raramente são feitas com ferramentas padrão usadas na pintura, nesses processos dispenso a presença do pincel e abro espaço para o toque do corpo e o volume dado pelos gestos feitos com os dedos.

Não improviso ferramentas, mas sim crio outras que discutem as possibilidades de aplicação dos materiais sobre as superfícies trabalhadas em ateliê,

em alguns momentos a mão segura um emaranhado de galhos com as pontas embebidas de pé de carvão e goma laca indiana, em outras ocasiões são os próprios dedos cheios de betume da Judéia que encostam sobre as camadas de papel ou a ponta de uma toalha ou uma esfera feita com papel amassado que dança com a palma da mão sobre as composições e cria rastros. Todas as chamadas “manchas” que aparecem sobre a pele dos trabalhos de *Aceno Santo* são resquícios da presença dos meus gestos como caminho para outras pinturas e marcações de um tempo.

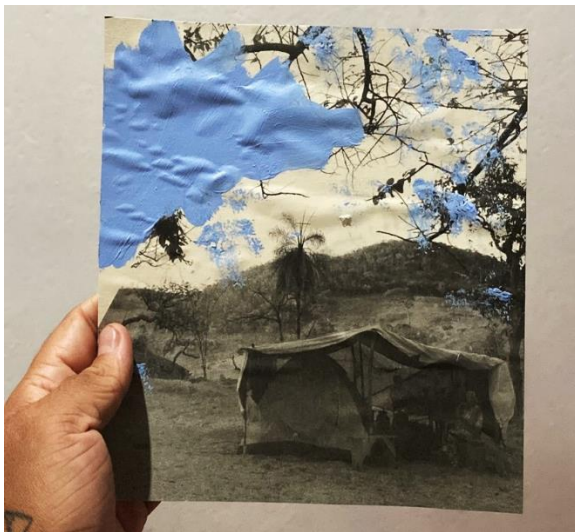
Em **FRAGMENTO DA VISTA** exercito a busca pelo detalhe e as ações que chamo também de destilação das imagens, quando encontro uma imagem que me interessa busco dentro dela o mínimo detalhe, aquilo que precisa ser visto com os olhos bem espremidos, aquilo que não se vê no primeiro encontro, e é esse minúsculo detalhe que me interessa, esse fragmento que trago como forma resinificar a imagem e repensar as narrativas visuais que podem ser invocadas ou acessadas pelo observador quando ocorre um encontro ali entre a vista de quem chega e o fragmento que agraciou a minha vista sobre as imagens feitas a partir da vista do *outro*.

Estes processos para feitura provocam em minha prática experiências possíveis, não experiências dessas laboratoriais em ateliê das quais estamos acostumados a falar ou ver, e sim experiências bagagens, agentes da mudança e da transformação dos processos e fazeres, não são testes, são somatórias vividas como nascente para os brotamentos futuros.

Sinto essas experiências provocadas pelas práticas como um reflexo dos ensinamentos trazidos por Lorrosa em “*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*”, desta forma escolhi pensar aqui que esse fenômeno que declaro aqui como experiência é aquilo que me atravessa agora, tudo aquilo que me passa, o que acontece nos meus exercícios e o que me toca e toca a minha vista atenta. Vejo essa experiência em meu caminhar criativo, nessa andança que preenche as lacunas que reviro nas gavetas dos territórios por onde me desloco e crio pertencimentos.

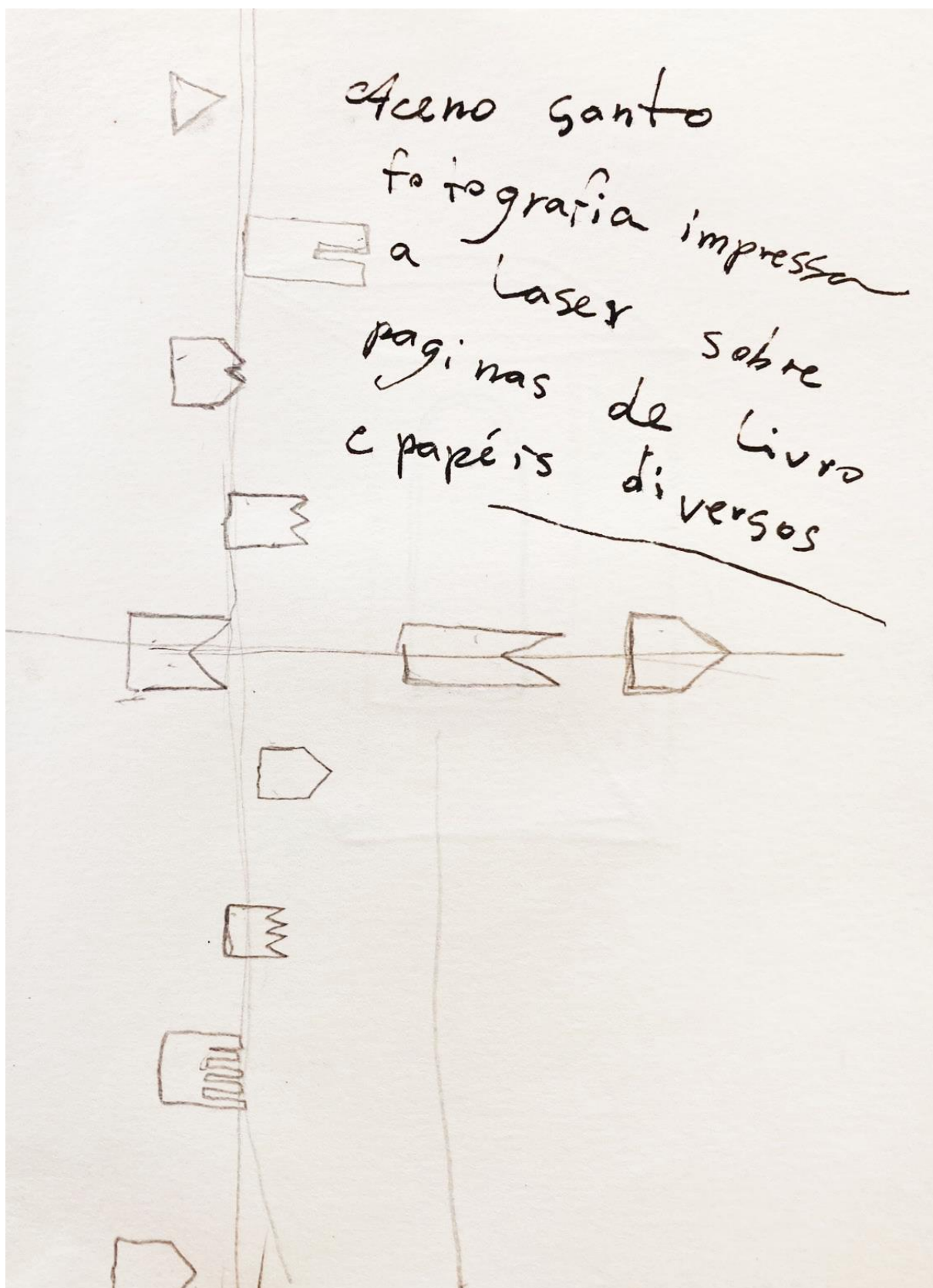


Galhos coletados no cerrado e fibras de gueroba do quintal de casa. Material usado como ferramenta nos processos de pintura.



Processos em ateliê:

Camadas, manchas e rasgos para um *Aceno Santo*.



Página de caderno de artista (2018). Ensaio para bandeiras de um ACENO SANTO.

OS ACENOS OU PLANTIOS FINAIS

Apresento aqui nesse dossiê-carta ou declaração ou diário confissão, sete trabalhos em papel que desenvolvi dessa roda que chamei aqui de *Aceno Santo*, outros ainda estão a caminho para amanhã ou futuros médios ou mais alongados sem datas ou destinos ainda. Todos estes trabalhos passaram por esses fazeres que detalhei da maneira mais sincera e nítida possível nestas descrições sobre feitura, todos esses fazeres são banhados pelos ingredientes que imantam a poética desta série e o repertório de elementos que compõem as minhas práticas.

Para além destes sete trabalhos também apresento aqui uma pequena intercessão interrogativa, uma proposição para feitura futura que possam ter naturezas coletivas ou individuais, entendo esse galho como uma receita, uma anotação para a feitura de outros acenos que não precisem do meu corpo, das feitura que habitam minhas mãos.

Esse conjunto de acenos + receita para um aceno é o resultado de uma experiência ou também um registro desta experiência, e como já havia dito, não é sobre experimentações em ateliê, é sobre a marca, é sobre aquilo que me passa, que passa sobre a mesa onde trabalho, que passa onde eu trabalho, que passa sobre e no meu trabalho, que passando enquanto eu trabalho.

É sobre a experiência da andança que proporciona as feitura e a capacidade de repensar as receitas, de revirar os ingredientes sobre a mesa e criar outros preparos que possam abrir novos caminhos e resultar em novas andanças, novas receitas.

É para guardar a experiência de uma passagem em um lugar, uma estada que foi atravessada por tudo aquilo que pode ser banhado com os estandartes felizes daquela outra coisa que chamamos de “fé”.

MOSTRUÁRIO é essa receita-proposição que acompanha estes outros sete acenos, e pensei esta ação em forma de texto receita pela primeira como parte de um projeto de pesquisa para ser desenvolvida durante a residência artística na Residência Fonte em São Paulo-SP em março de 2022. Essa vontade ficou apenas no papel e nas palavras, nunca tomou forma de matéria, nunca virou um aceno feito com as

mãos, mas de certa forma é um espaço de aceno, uma vontade ou caminho para a feitura de um ou muitos acenos. Meses afio fui adicionando ingredientes e pensando preparos, criando outras maneiras de propor uma feitura desta receita que aqui apresento junto com um texto gerador que é também uma crônica diário fictícia da vida real e essa parte completa o todo.

Uma lista de procedimentos/comandos + um texto gerador forma essa proposta de aceno que é para ser feita sozinho em silêncio ou com aqueles que fazem sentido estarem presentes ao som da alegria e diversão. Esse “quase aceno” para mim é o que arremata o ponto, fecha o ciclo e confirma o fundamento de uma feitura, é o que para mim justifica o caminho que percorri aqui com as palavras que como já dizia Fernanda Gomes, nem sempre dão conta de dizer ou significar as coisas que nos rodeiam.

É este conjunto que justifica e dá o sentido a esse itinerário formativo que é a experiência que é ter estudado Licenciatura em Artes Visuais, ter experimentando um lugar, vivo em um lugar, criando um trabalho, escrito sobre uma passagem andante, adentrado picada a dentro e desvendado as entrelinhas que agora compõem as marcas de uma outra superfície ou pele bagagem que carrega o tempo, que fabula uma identidade, que diz coisas sobre o partilhar e pertencer.

VARAL DE TRABALHOS
(OU ALBUM DE FEITURAS)



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, Caminho, 2022. Da série "Aceno Santo". Colagem, acrílica e betume da Judéia sobre página de livro - 19 x 19 cm



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, No Alcance Daqueles Que Acreditam Para Ver, 2022. Da série "Aceno Santo". Colagem, acrílica e betume da Judéia sobre página de livro - 19 x 19 cm cada - díptico



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, Uma Reza Para Uma Macauba, 2022. Da série "Aceno Santo". Colagem, acrílica e betume da Judéia sobre página de livro - 19 x 19 cm cada - díptico.



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, Entre Avistar, Contemplar e Atalaiar, 2020. Da série "Aceno Santo". Colagem, nanquim, acrílica, betume da judeia, goma laca indiana e grafite sobre papel - 14x20 cm



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, Entre a Ação do Toque e do Encontro e a Castidade da Ida, 2020. Da série "Aceno Santo". Colagem, nanquim, acrílica e grafite sobre papel - 5,5x6 cm cada - díptico



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, *Sem Título*, 2020. Da série "Aceno Santo". Colagem, betume, nanquim, acrílica, aqualine e goma laca indiana sobre papel - 11x15,5cm.



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, *Sem Título*, 2020. Da série "Aceno Santo". Colagem, betume, nanquim, acrílica, aqualine e goma laca indiana sobre papel - 11x15,5cm



ANDRÉ FELIPE CARDOSO, *Sem Título*, 2021. Da série "Aceno Santo"
Colagem, lápis dermatográfico e giz de cera sobre papel
29,5 x 42 cm

HISTÓRICO DOS FEITOS

Estes trabalhos apresentados aqui foram apresentados nas exposições:

Prêmio Estímulo Fargo, durante a 4ª Feira Fargo no Museu de Arte Contemporânea de Goiás em Goiânia-GO (2022) e na coletiva *Já é Setembro?*, na Martha Pagy Escritório de Arte em Rio de Janeiro-RJ (2021)

MOSTRUÁRIO

(SE EU FOSSE ATERRAR LEMBRANÇAS)

Quais são as nossas lembranças mais antigas?

O que liga a infância e o presente?

Encontrei na Praça do Laser na rua 8 em Goiânia uma pedra arredondada com duas coisas escritas, uma era um palavra-lugar e a outra era o nome de alguém.

PRAÇA.

PETER.

Qual a natureza que nos conecta mais as nossas memórias e passados?

Seria a palavra ou a imagem?

Lembrança que é marcada pela presença da palavra escrita ou falada. Lembrança que é marcada pela imagem que transpassa os olhos.

Lembrança que é marcada pela manifestação da palavra que cruza as imagens que penetram os olhos.

As pedras possuem superfícies que gravam e presenciam os acontecimentos através dos tempos. Penso como seria se eu juntasse as lembranças da minha infância com pedras que as fixassem nesse plano de hoje e agora.

Penso como se eu resumisse os lugares em uma única palavra ou frase curta.

Parto das memórias profundas da minha infância, e disso quero juntar tudo em cima de uma pedra e apresentar em uma prateleira como se fosse uma joia e por isso crio um caminho para que em minhas andanças eu crie entre as pedras, as lembranças e a palavra que me liga a imagem.

PROPOSIÇÃO

- 1- Sair do ateliê e andar pelas ruas, com os olhos bem abertos para sentir os lugares e caçar jardins e praças.
- 2- Ao achar um jardim ou praça, tentar uma aproximação amigável com o espaço e acalantar o território com pés estrangeiros entendendo a superfície da terra alheia.
- 3- Andar, andar, andar. Degustar com os pés, descobrir com todos os sentidos da pele da sola dos pés descalços.
- 4- Durante a andança procurar por pedras de formação geológica.
- 5- Escolher uma frase/palavra que define essa relação de encontro e degustação de um espaço novo e escreve-la em algum papel ou caderno.
- 6- Voltar para casa com o fragmento do lugar.
- 7- Escolher uma imagem de um livro/revista qualquer que simbolize essa relação de encontro.
- 8- Recortar a imagem, embrulhar as pedras.
- 9- Amarrar com fios de algodão e pendurar na parede em pregos ou dispor em prateleiras.
- 10- Abrir o caderno de maneira aleatória ou embaralhar os papeis com as frases e palavras escritas.
- 11- Criar um texto de juntando as palavras e frases escritas.
- 12- Colocar as pedras sempre juntas com o texto.
- 13- Ler em voz alta o texto para outras pessoas.
- 14- Qualquer pessoa pode seguir a receita.
- 15- Repetir a ação quantas vezes achar necessário

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus antepassados.

Aos que colaboraram e possibilitaram a minha existência e resistência durante os momentos mais difíceis.

Agradeço ao Instituto Federal de Goiás que me possibilitou trocas transformadoras de caminho, agradeço a minha orientadora que foi tão aberta e deu espaço de escuta para a construção destes escritos.

Agradeço as terras dessa cidade chamada de Goiás, onde estive morando e vivendo outras andanças durante essa estada formativa, agradeço a grande acolhida que recebi nestas terras e toda a força, energia e ensinamentos adquiridos que me possibilitaram essas escritas.

REFERÊNCIAS

(OU ADUBO PARA OS PLANTIOS NÔMADES)

Bellicieri, Fernanda Nardy. A experiência do corpo-texto : um aceno à construção da cena no corpo e à reinvenção do corpo em cena. 2016. 349 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BONDÍA, Jorge Larrosa, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Scielo, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>

COOPEY, Dan. **I LIKE SOUTH AMERICA SOUTH AMERICA LIKES ME.** Belmacz, 2021. Disponível em: <http://belmacz.com/exhibitions/i-like-south-america-south-america-likes-me/>

GOMES, Fernanda. “Uma coisa completa a outra - Fernanda Gomes” **entrevista concedia a** André Vecchi, Lisette Lagnado, Livia Flores, Luciano Montanha e Maria Luisa Tavora **em Arte&Ensaio** n. 31 - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, **Rio de Janeiro - RJ, 29 de janeiro de 2016.** pág 8-28. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/5284>

LIMA, Gisele. INCUBADORA - 1º Programa Incubadora de Artistas. Galeria Index , 2021. Disponível em : https://issuu.com/galeriaindex/docs/cat_logo_incubadora_final/22

NAZARETH, Paulo. Arte Contemporânea LTDA. Vídeo produzido no contexto da mostra VUADORA, com curadoria de Diane Lima e Fernanda Brenner, Direção de Pedro Marques. Youtube, 13 de jul. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p-d57Cq0Q_E&t=74s

ROCHA, Francisco. Antes do Pó. Adriana Affortunati, 2020. Disponível em: <https://www.aafortunati.com/antes-do-po>

STUDART, Raissa. Mentirinhas das águas. Pág 17, 2018. 69 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Artes Visuais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018

GOIÁS-GO

2022